

Boletim

Nº 1.950 - Ano 42 - 1 de agosto de 2016



ASSISTÊNCIA EM PAUTA

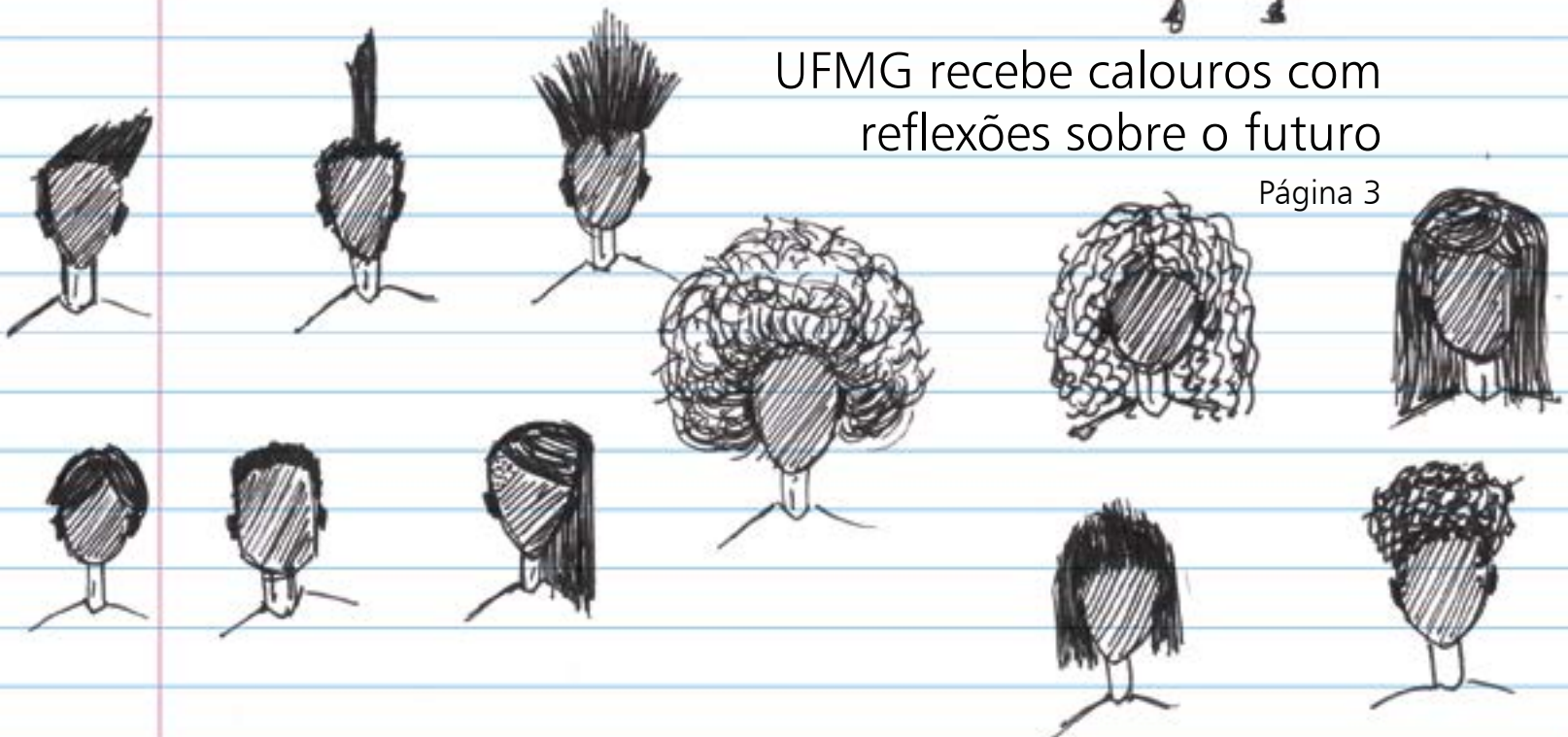
Acesso, inclusão e permanência formam o tripé da política de assistência estudantil, que alcança mais de 18 mil alunos matriculados na UFMG. Além do viés socioeconômico, essa política contempla dimensões que buscam reduzir as desigualdades educacionais, interferindo decisivamente no sucesso acadêmico.

Páginas 4, 5 e 6



UFMG recebe calouros com reflexões sobre o futuro

Página 3



Das fogueiras do **AUTORITARISMO** às marcas do **DESCASO**

Carla Gomes Pedrosa*

“Quem não carrega dentro de si as sementes do demoníaco nunca fará nascer um novo mundo”. O mesmo leitor voraz, Adolf Hitler, que teria sublinhado essa frase em um exemplar do livro *Magie: geschichte, theorie, praxis*, de Ernst Schertel, iniciou, durante o nazismo, intensa perseguição à cultura, que resultou na queima de centenas de milhares de livros. Pouco mais de um século antes desse lamentável episódio da história da humanidade, o poeta alemão Heinrich Heine já prenunciava que “aqueles que queimam livros, acabam cedo ou tarde por queimar homens”.

Fato é que, desde a antiguidade, a destruição dos livros, em suas diversas formas – tabletas, papiros, pergaminhos –, sempre esteve presente, e, de maneira geral, relaciona-se ao autoritarismo, à negligência e à tentativa de aniquilar o conhecimento.

Ao estudar a censura no período dos “anos de chumbo” no Brasil, a autora Sandra Reimão, no livro *Repressão e resistência: censura a livros na ditadura militar*, constatou que, de uma lista de quase 500 livros submetidos à Divisão de Censuras de Diversões Públicas (DCDP), cerca de 140 eram de autores nacionais, dos quais 70 foram proibidos. Entre eles, romances e contos de Rubem Fonseca e de Inácio de Loyola Brandão. Já a ditadura Vargas incinerou, em praça pública, mais de 1,6 mil exemplares de *Dona Flor e seus dois maridos*, de Jorge Amado.

A “queima” de livros se perpetua por meio de diversas formas de censura e guerras. Em 2014, quando tomaram a cidade iraquiana de Mossul, os militantes do Estado Islâmico, entre outras perdas irreparáveis para a humanidade, queimaram a biblioteca da Universidade. No ano seguinte, explodiram a Biblioteca Central de Mossul, construída em 1921, com seus milhares de manuscritos e instrumentos utilizados por

cientistas árabes. E, até hoje, nos assombam ameaças, feitas por diversos grupos, de destruir as bibliotecas do Vaticano e do Congresso dos Estados Unidos.

O aniquilamento de livros é também abordado na literatura, como uma tentativa de espelhar o que vivenciamos ou de prever as drásticas consequências, caso as diversas formas de destruição continuem. Em *Fahrenheit 451*, Ray Bradbury revela um futuro assustador, no qual livros são proibidos na tentativa de suprimir o pensamento crítico. No romance, os bombeiros são, paradoxalmente, “queimadores de livros”, e 451 Fahrenheit é o grau da temperatura utilizada para se queimar as obras e as ideias dissidentes nelas contidas. O resultado disso é um mundo repleto de pessoas apáticas, sem opiniões e sem autonomia.

No romance *O nome da rosa*, Umberto Eco destaca, como ponto central da história, a tentativa da Igreja Católica, durante o período da inquisição, de “apagar” o segundo livro da *Poética*, de Aristóteles, dedicado ao estudo da comédia. Essa obra se referia à sátira e ao riso como maneiras de purificar as paixões e os vícios. Esse pensamento chocava-se com a ideologia do catolicismo que relacionava o riso ao diabo. Temendo que a Igreja perdesse o “posto” de único remédio contra as fraquezas mundanas, e que o frei Guilherme de Baskerville se apossasse do livro proibido, um dos monges teria envenenado suas páginas, causando inúmeras mortes no mosteiro. Desvendar a causa das mortes é o que sustenta a trama do romance, mas a proibição do livro de Aristóteles como mote da narrativa diz muito mais nas entrelinhas.

Na obra *História universal da destruição dos livros*, o escritor venezuelano Fernando Báez revela a suspeita de que o segundo volume da *Poética*, de Aristóteles, teria sido, diferentemente do que narra Umberto Eco,

destruído pelo desleixo. Isso porque centenas de obras do filósofo grego teriam desaparecido após a morte repentina de Alexandre, o Grande, que zelava pela Biblioteca onde os exemplares se encontravam.

De fato, a falta de cuidado é outra maneira de destruir os livros, ou ainda mais grave, os conhecimentos neles presentes. Diferentemente das guerras e censuras, muito mais difíceis de serem combatidas, a falta de cuidado pode ser evitada por meio da conscientização da importância de se preservar o conhecimento. É justamente isso que o Sistema de Bibliotecas da UFMG busca promover por meio da campanha *Preservar não custa nada*. O objetivo é mostrar aos usuários das bibliotecas da Universidade que, ao danificar o livro (físico), danifica-se o conhecimento (imaterial). Além disso, pretende-se mostrar que, se a falta de preservação custa muito caro para o Sistema de Bibliotecas – milhares de reais são gastos no reparo de obras –, preservar o livro, por sua vez, não custa nada.

A preservação ainda traz benefícios, como a possibilidade de aquisição de novos livros com o dinheiro economizado em recuperação. Preservar significa tomar pequenos cuidados, como evitar comer próximo aos materiais bibliográficos, não fazer grifos e/ou anotações nas páginas, utilizar marcadores de páginas apropriados, entre outras medidas divulgadas pela campanha. Tudo em nome da preservação do que de mais raro e precioso se encontram nas páginas dos livros: as histórias, as estórias e o conhecimento.

“Para sobreviver é preciso contar histórias”, já dizia Umberto Eco. Não contá-las, ou impedir que sejam contadas e perpetuadas, seria o aniquilamento, a destruição e a morte.

*Jornalista e coordenadora da Divisão de Comunicação do Sistema de Bibliotecas da UFMG

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou trélicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

O **FUTURO** a eles pertence

UFMG recebe calouros em aulas magnas, que discutem o papel da universidade e de sua comunidade

Hugo Rafael

Os cerca de 2,8 mil alunos que ingressam nos cursos de graduação da UFMG no segundo semestre de 2016 serão recebidos a partir desta segunda-feira, 1º, data que marca o início do semestre letivo, com aulas magnas que discutirão a relação entre o papel da Universidade e a construção do futuro. A programação, organizada pelas pró-reitorias de Graduação (Prograd) e de Assuntos Estudantis (Prae), será realizada no Centro de Atividades Didáticas de Ciências Naturais (CAD 1), campus Pampulha.

Durante a manhã, parte dos novos alunos acompanha aula magna ministrada pelo professor emérito Evando Mirra de Paula e Silva, que terá como eixo condutor a *Universidade e a construção do futuro*. O professor destaca que a universidade é uma instituição muito antiga e que sua presença na sociedade é cada vez mais importante.

Evando Mirra cita como exemplos a Universidade de Bolonha, com mais de 900 anos de fundação, e de Paris, com mais de 800. “Contudo, quase todas as instituições criadas na mesma época desapareceram”, destaca o vice-reitor da UFMG na gestão 1990-1994. Para o professor, o segredo da longevidade da instituição universitária reside em sua capacidade de renovação.

“Ao longo dos séculos, a universidade vem se transformando, em sintonia com as novas exigências, o que tem lhe conferido a capacidade de estabelecer diálogos com a sociedade e participar ativamente da criação da cultura de seu tempo”, afirma.

Na visão de Evando Mirra, a própria cerimônia de recepção dos calouros ilustra a capacidade de renovação da instituição universitária. “Os novos alunos se incorporam a processos em andamento e inauguram um novo ciclo de vida da instituição”, afirma.

Comunidade ética

Outra parte dos alunos ingressantes vai acompanhar aula magna noturna a ser ministrada, a partir das 19h, pelo professor Jacyntho Lins Brandão, da Faculdade de Letras. Vice-reitor da UFMG de 1994 a 1998, ele pretende propor reflexão acerca do processo de chegada dos novos alunos à Universidade. “Esses estudantes passam a participar da comunidade universitária e precisam começar a pensar o que a Universidade é”, afirma.

Sua abordagem será norteadada por três

aspectos concernentes à constituição da instituição universitária. “O primeiro é a universidade como comunidade científica direcionada à produção do conhecimento. O segundo é a universidade como escola. Por fim, vou falar da universidade como uma comunidade ética”, explica.

Para o professor, a dimensão ética é a mais relevante, pois “o que amarra um grupo humano e o torna coeso é a perspectiva ética, fundamental para o compartilhamento de um espaço comum como o ambiente acadêmico”. Segundo Jacyntho, a relação do estudante com a instituição em outros níveis de ensino é diferente da que passa a manter com o ingresso na universidade. “Ele continua estudante, mas em outro status”, situa.

As duas aulas magnas serão seguidas por apresentação do Grupo de Percussão da UFMG, coordenado pelos professores Fernando Rocha e Fernando Chaib, da Escola de Música.

Direito e responsabilidade

Com o tema *A vida acadêmica na UFMG*, uma atividade comum a todos os calouros ocorre às 17h30, no Auditório Nobre do CAD 1. Será a oportunidade de os calouros conhecerem um pouco mais a fundo a vida acadêmica com os pró-reitores de Graduação, Ricardo Takahashi, e de Assuntos Estudantis, Tarcísio Mauro Vago. Também participam a pró-reitora adjunta de Extensão, Cláudia Mayorga, a diretora adjunta de Relações Internacionais, Miriam Jorge, e um representante do Diretório Central dos Estudantes.

Ricardo Takahashi lembra que a passagem do estudante pela Universidade determina, entre outros aspectos, a profissão que seguirá, grande parte dos círculos de amizade e as referências que a ajudarão a interpretar o mundo. “Esperamos que a UFMG seja capaz de abrir caminhos e possibilidades de escolhas para as pessoas que aqui ingressam”, afirma.

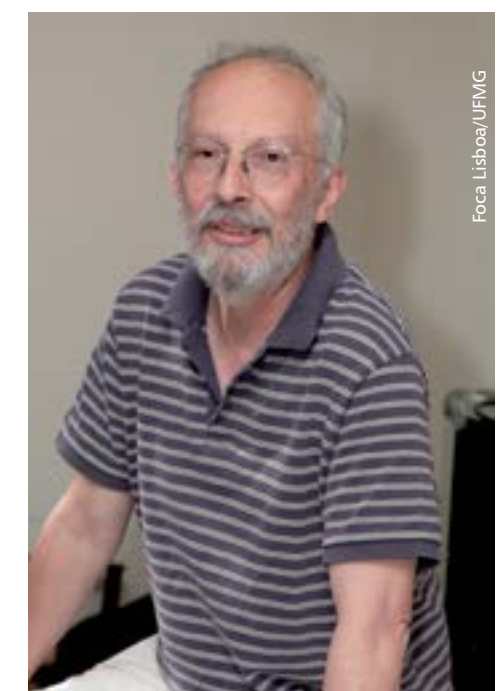
Para o pró-reitor de Assuntos Estudantis, Tarcísio Vago, entrar na Universidade é, além de um direito, uma responsabilidade. “Ao começar a estudar na UFMG, cada aluno realiza um sonho e precisa ter em mente que também está assumindo uma missão. Sua presença aqui é financiada com recursos públicos, e é seu papel devolver esse investimento à sociedade por meio de bons

trabalhos e práticas”, argumenta o pró-reitor Tarcísio Mauro Vago.

A recepção prossegue nesta terça-feira, 2, quando os novos alunos participam de atividades em suas unidades específicas.



Evando Mirra: longevidade da instituição



Jacyntho: ética como fator de coesão

Entrar, **PERMANECER** e concluir

UFMG trabalha na consolidação de sua política de assistência estudantil, que é pautada na redução das desigualdades educacionais

Ana Rita Araújo

Ao chegar à Universidade no início deste segundo semestre letivo, calouros e veteranos vão encontrar um ambiente de discussão sobre assistência estudantil. A Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (Prae) escolheu agosto – justamente o período em que a UFMG recebe novo contingente de integrantes – como o “mês da assistência”, com o objetivo de mobilizar a comunidade acadêmica para a consolidação dessa política, que tem como bases o acesso, a inclusão e a permanência.

“A UFMG compreende a assistência estudantil como uma política social orientada pela redução das desigualdades educacionais. Seu pressuposto fundamental é de que o direito à educação pública, de qualidade, só se realiza com a garantia do acesso e da permanência nas instituições de ensino”, observa o reitor Jaime Ramírez.

Por primar pela distribuição equitativa dos bens e recursos públicos, a Universidade define com precisão o grupo ao qual tais recursos se destinam: são os 18,5 mil estudantes em vulnerabilidade econômica, que fazem jus a subsídios em refeições, moradia, transporte, material didático, a bolsas de diferentes naturezas e atendimentos médico e psicológico.

“Consideramos um direito histórico desse público ser assistido pela Instituição, como condição para participar da vida universitária de forma menos desigual e com qualidade: estar, permanecer e concluir sua formação acadêmica”, afirma o pró-reitor de assuntos estudantis, Tarcísio Mauro Vago.

Contudo, se o aspecto socioeconômico é determinante para a permanência de certos estudantes, “é preciso ir além, para encontrar maneiras de democratizar o acesso a outras ferramentas que dizem muito do sucesso acadêmico – o apoio à pesquisa, à escrita e à leitura acadêmicas e a outros referenciais teóricos e pedagógicos”, defende Jaime Ramírez. Ele destaca que há também alunos que necessitam de ações afirmativas e outros de apoio acadêmico. “Nosso intuito, hoje, é elaborar e oferecer suportes nessas três dimensões, de forma transversal, como fruto de um projeto integrado de política institucional”, esclarece Jaime Ramírez.

O pró-reitor adjunto de Assuntos Estudantis, Rodrigo Ednilson de Jesus, explica que, nos dez últimos anos de debate sobre democratização da universidade brasileira, tem-se pensado muito na dimensão do acesso, com a permanência relegada a um plano secundário. “As instituições que deram um passo à frente nesse aspecto priorizaram a permanência socioeconômica, mas ela tem outros aspectos, também fundamentais”, comenta o professor.

Desafio

Em sua opinião, o momento atual guarda simetria com o de uma década atrás, em que o país começava a discutir, de forma mais consistente, políticas de democratização das instituições universitárias. Na época, a UFMG havia implantado o sistema de bônus, posteriormente substituído pelo de cotas, de abrangência nacional. “Temos hoje o desafio de fortalecer esse modelo de política de assistência e de refinar o olhar para a trajetória do estudante, prestando atenção em outros aspectos que não estavam colocados, como as ações afirmativas, o combate à discriminação e às opressões e o alargamento das possibilidades da própria dimensão acadêmica”, resume Rodrigo Ednilson, que em

2015 ocupou o cargo de coordenador-geral de educação para as relações étnico-raciais na Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi) do Ministério da Educação.

Ele lembra que atualmente a procura pela assistência estudantil, em termos absolutos, é maior do que nos anos anteriores, mas reitera que a permanência na Universidade vai além da dimensão socioeconômica. “Há outras áreas que precisam ser observadas, para garantir uma trajetória com qualidade. Por isso, é necessário perceber a conexão entre acesso, inclusão e permanência bem-sucedida”, pondera. Segundo ele, em reuniões regulares com representantes das pró-reitorias de Graduação, de Extensão, de Assuntos Estudantis e da Fundação Universitária Mendes Pimentel (Fump) têm sido elaboradas propostas que lançam um olhar ampliado sobre o tema.

A presidente da Fump, Sandra Bianchet, também considera que não bastam ações de inclusão, como a política de cotas garantida pela Lei 12.711/2012. “A inclusão demanda ações de assistência que viabilizam a permanência do estudante no universo acadêmico até a conclusão da educação superior”, afirma a professora, que cita a Prae, na

condição de formuladora e gestora de políticas estudantis, e a Fump, “braço” da UFMG encarregado de operacionalizá-las, como cruciais “para minimizar os efeitos das desigualdades sociais e reduzir os índices de retenção e evasão decorrentes da insuficiência de condições financeiras”.

A própria Fump é responsável pela gestão de mais de uma dezena de programas que oferecem suporte material e financeiro para viabilizar a permanência de grande contingente de alunos. Há também ações de suporte financeiro gerenciadas pela Prograd e pela Diretoria de Relações Internacionais (*leia mais na página seguinte*).

Formações transversais

Um dos desdobramentos desse processo é a oferta regular, desde o primeiro semestre do ano passado, das formações transversais, trajetos compostos por conjuntos de disciplinas tematicamente articuladas que resultam em uma competência específica. “Essas formações refletem o entendimento de que existem saberes que não estão necessariamente dentro do currículo e que podem ampliar a experiência do estudante na graduação”, explica o professor Rodrigo Ednilson.

Ele cita outros exemplos, como o Pronoturno, modalidade específica de bolsa que beneficia alunos dos cursos noturnos com potencial acadêmico diferenciado; edital lançado recentemente pela Prae para fomentar desenvolvimento de projetos de ações afirmativas pelos estudantes; o projeto *Percurso discente*, da Diretoria de Inovação e Metodologias de Ensino (GIZ), da Prograd, que reúne ações destinadas a apoiar os estudantes no desenvolvimento de autonomia na vida acadêmica; monitorias e tutorias; oferta de oficina de leitura e escrita de textos acadêmicos e de cursos de línguas e fomento à participação no intercâmbio internacional por meio do Programa Minas Mundi.

Desde 2013, a UFMG oferece, a cada semestre, para alunos de todos os cursos, incluindo os de pós-graduação, disciplinas regulares de Inglês para Fins Acadêmicos (IFA) e Português como Língua Adicional (PLA) para estrangeiros. Com 60 horas-aula, somam créditos para o currículo e são ofertadas em cinco diferentes níveis, do intermediário ao avançado, no caso do inglês, e em quatro disciplinas, no caso do português. “A Universidade se antecipou ao programa do MEC e recentemente abriu concurso para professores nessas disciplinas. Isso mostra preocupação com a internacionalização e com a institucionalização dessas ações”, comenta a professora Deise Dutra, assessora de proficiência linguística da DRI.

O professor Tarcísio Vago comenta que a realização da Semana de Saúde Mental, no semestre passado, demonstra a percepção de que o adoecimento é também uma ameaça à permanência bem-sucedida. “Estamos iniciando esse exercício de ampliar a compreensão sobre o que afeta a presença do estudante na Universidade, pois ações de apoio acadêmico precisam avançar mais”, enfatiza Rodrigo Ednilson.

Focalizar para ampliar

No início deste semestre, passam a vigorar os novos critérios adotados pela Fump para classificação socioeconômica de estudantes no nível IV, que será desdobrado em dois subníveis, de modo que os valores das refeições nos restaurantes universitários possam atender especialmente aos estudantes em vulnerabilidade. O objetivo de otimizar os recursos disponíveis para assistência estudantil norteou a readequação nos preços. Relatório do Conselho de Assuntos Estudantis (CAE) da Prae, elaborado com base em dados coletados pela Fundação, indica distorções nos atuais critérios de classificação no nível IV, “que precisam ser corrigidas para que não se comprometa a política de assistência a estudantes economicamente vulneráveis”.

Alunos com renda familiar de zero a um salário mínimo per capita terão redução no valor da refeição para R\$ 2 (atualmente pagam R\$ 2,90). São atualmente 2.057 estudantes, que correspondem a 26,23% do total de alunos nível IV. Os discentes com renda familiar de um a três salários mínimos per capita continuam a desembolsar R\$ 2,90 por refeição. São 4.698 estudantes nessa condição, o que corresponde a 59,9% do total de estudantes nível IV.

Estão garantidas a isenção aos estudantes classificados no nível I e a manutenção do valor pago pelos estudantes classificados nos níveis II e III. Eles continuarão pagando R\$1.

Os estudantes que apresentarem renda familiar acima de três salários mínimos per capita passam a pertencer à categoria de estudantes não classificados e pagarão preço de custo – R\$ 5,60 por refeição –, por não apresentarem situação de vulnerabilidade. Os dados da Fump demonstram que há 1.087 estudantes nessa situação, ou 13,86% do total de estudantes nível IV.

Direito histórico

Segundo Rodrigo Ednilson, o valor de custo da refeição produzida pela Fump é bem menor do que o de outras universidades, sobretudo as que mantêm restaurantes terceirizados, devido ao lucro obtido pelas empresas. “Se o preço para o destinatário final em outras instituições é menor, isso se deve ao fato de que a refeição está sendo subsidiada para todos, independentemente da condição socioeconômica”, alerta.

A vice-reitora Sandra Goulart Almeida observa que há um limite de recursos definido pelo próprio repasse federal, para manutenção de programas de alimentação, moradia e de variadas bolsas. “Nossos recursos são limitados, e estão sendo aplicados prioritariamente para superar os obstáculos ao bom desempenho acadêmico, procurando garantir a permanência e o percurso dos estudantes com necessidades socioeconômicas até a conclusão de sua formação universitária. Daí nossa atenção máxima aos que têm direito histórico à assistência estudantil que a UFMG precisa realizar”, ressalta. Segundo ela, a Universidade tem o desafio de realizar uma política de assistência “que atenuar os efeitos das desigualdades provocadas entre nossos estudantes pelas condições social e econômica do país”.

Sandra Almeida enfatiza que a readequação dos preços das refeições também refletirá na assistência à moradia, com redução das taxas para os estudantes classificados nos níveis II e III, e isenção para classificados no nível I. “Percebemos que, com o mesmo recurso, é possível fazer mais, focalizando os estudantes com necessidades socioeconômicas e garantindo que a assistência a eles seja mantida e ampliada. Isso deve ser interpretado como um processo de distribuição de renda”, pondera Rodrigo Ednilson, lembrando que, em um contexto de desigualdades, é necessário adotar ações de equalização e não uma política universalista, cega às diferenças. “O reconhecimento dessas diferenças tem de orientar a política, para que ela gere equidade e não aprofunde a desigualdade”, reitera.



Refeições servidas nos restaurantes universitários em 2015, por classificação socioeconômica

Criação Cedecom

ASSISTÊNCIA alcança quase 60% do corpo DISCENTE

Em 2015, a UFMG atendeu, nas diversas modalidades da assistência estudantil, 18.524 alunos, o que corresponde a 57,2% dos 32.384 matriculados em seus cursos de graduação. As bolsas são distribuídas em três modalidades: assistência com foco na formação profissional especializada na perspectiva laboratorial, ações afirmativas e apoio a alunos dos cursos noturnos para que se dediquem exclusivamente à graduação. As bolsas têm duração de 10 e de 12 meses.

Tais programas são financiados, na maior parte, pelo Plano de Assistência Estudantil (Pnaes), do Ministério da Educação, que em 2015 repassou à UFMG R\$ 35,8 milhões. Além disso, a Universidade destina recursos próprios para bolsas e programas. Em 2015, aplicou R\$ 1,4 milhão – valor 24,6% superior ao do ano anterior – que beneficiou 336 estudantes.

Há ainda recursos provenientes de doações destinados a bolsas de apadrinhamento. No ano passado, foram arrecadados pouco mais de R\$ 200 mil, que beneficiaram 352 estudantes.

Bolsas gerenciadas pela Fump

Bolsa Auxílio Transporte

Valor mensal: R\$ 150

Público: estudantes classificados socioeconomicamente pela Fump nos níveis I, II e III que residem na Região Metropolitana de Belo Horizonte ou em Montes Claros.

Bolsa Auxílio Moradia

Valor mensal: R\$ 500

Público: estudantes de graduação inscritos no Programa Permanente de Moradia Universitária classificados nos níveis I, II e III.

O objetivo é auxiliar na manutenção de despesas com moradia, pagamento de república ou pensão, enquanto aguardam seleção de vagas do Programa.

Bolsa de Manutenção Baeta Vianna

Valor mensal: R\$ 300 (integral) e R\$ 180 para custeio de despesas acadêmicas

Público: classificados nos níveis II ou III, em sua primeira graduação, em situação de vulnerabilidade social e risco de evasão acadêmica.

Bolsa de Manutenção Bernardo Álvares

Valor mensal: R\$ 400 e R\$ 200

Público: estudantes de graduação e do Colégio Técnico (Coltec), classificados no nível I, com bom desempenho acadêmico, situação de vulnerabilidade social e risco de evasão acadêmica.

Bolsa de Acesso ao Livro Bernardo Álvares

Auxílio financeiro complementar para a aquisição de livros acadêmicos.

Valor: R\$ 150 por semestre

Público: classificados no nível I com mérito no desempenho acadêmico.

Bolsa de Acesso a Material Acadêmico

Valores: bolsa única de R\$ 400, R\$ 300 e R\$ 200, para classificados nos níveis I, II e III, nessa ordem. Estudantes do terceiro período de Odontologia, classificados pela Fump nos níveis I, II e III, nessa ordem de prioridade, recebem R\$ 1 mil.

Bolsa Apadrinhamento

Mantida com doações de ex-alunos da UFMG, destina-se a estudantes de primeira graduação, classificados no nível I, com bom desempenho acadêmico.

Bolsa de Formação Profissional Complementar

Bolsa de estágio oferecida pela Pró-Reitoria de Recursos Humanos e pelo Hospital das Clínicas, operacionalizada pela Fump.

Valor mensal: R\$ 550 para carga horária de 20 horas semanais, acrescido de R\$ 132 mensais como auxílio locomoção.

Moradias em números

Vagas em Belo Horizonte:

- **300** na Moradia Universitária Ouro Preto I
- **332** na Moradia Universitária Ouro Preto II
- Abertura prevista de **386** vagas na Moradia Universitária Ouro Preto III (obra em construção)

Vagas em Montes Claros:

- **108** na Moradia Universitária Cyro Versiani dos Anjos

Bolsa de Complementação Educacional

Bolsas de estágios oferecidas aos estudantes de graduação de cursos presenciais, prioritariamente os assistidos pela Fump, por meio de parcerias com instituições públicas e privadas. O valor da bolsa e do auxílio transporte e a carga horária (máxima de 20 horas semanais) são determinados pela instituição parceira, atendendo a legislação de estágio em vigor.

Ensino médio

Bolsa Teatro Universitário e Bolsa Kit Coltec: apoio financeiro mensal, destinado a estudantes regularmente matriculados no ensino técnico do Teatro Universitário ou no Coltec, classificados nos níveis I, II ou III, que apresentem situação de vulnerabilidade social e risco de evasão escolar.

Bolsas gerenciadas pela Pró-reitoria de Graduação

Programa de Monitoria de Graduação

Pronoturno

Programa de Educação Tutorial

Programa de Monitoria no Ensino Técnico

Imersão à Docência

Programa de Mobilidade Acadêmica Nacional

Programa de Mobilidade Intercampi da UFMG

Bolsas de Mobilidade Internacional gerenciadas pela Diretoria de Relações Internacionais (DRI)

Programas Minas Mundi, Ciência sem Fronteiras, Escala Estudantil de Graduação, Bracol, Bramex, Marca, Brafitec – Brasil France Ingénieur Tecnologia, Erasmus Mundus (IBrasil, Babel e Be Mundus), Jornadas de Jovens Pesquisadores, Santander Universidades de Bolsas Ibero-Americanas, Santander Universidades de Bolsas Luso-Brasileiras, Bolsa Projeto Milton Santos de Acesso ao Ensino Superior (Promisaes), Bolsa Mérito e Bolsa para o curso preparatório para o Celpe-Bras.

Acontece

DIREITOS LGBT

Debates sobre teorias de gênero e sexualidade no contexto da educação jurídica, inspirados na campanha *Livres e iguais*, da Organização das Nações Unidas (ONU), vão pautar o 2º Congresso de Diversidade Sexual e de Gênero, que será realizado de 12 a 15 de outubro na Faculdade de Direito. O evento tem como tema, nesta primeira edição internacional, a *Efetivação de direitos humanos e cidadania de mulheres e pessoas LGBT*.

Realizado pelo programa de extensão Diverso UFMG – Núcleo Jurídico de Diversidade Sexual e de Gênero, da Faculdade de Direito, o Congresso tem como princípio, segundo os organizadores, a interdisciplinaridade e o “desejo de transposição dos muros que separam a academia e a vida”. Inscrições e mais informações estão disponíveis no site do evento: <http://bit.ly/2axvmcQ>.

SISTEMAS AMBIENTAIS

O Instituto de Geociências (IGC) lançou edital de processo seletivo para o preenchimento de 22 vagas de mestrado em Análise e Modelagem de Sistemas Ambientais, para ingresso no primeiro semestre de 2017. As inscrições poderão ser feitas de 12 de setembro a 4 de novembro.

A seleção se dará por meio de três avaliações eliminatórias e classificatórias: análises da proposta de pesquisa, do currículo e histórico escolar do candidato e do memorial, que avalia interesse do candidato na área de estudo. O programa é aberto a ecólogos, engenheiros ambientais, analistas de sistema, matemáticos computacionais, estatísticos, geógrafos, geólogos, arquitetos e biólogos. Mais informações estão disponíveis no site <http://goo.gl/kDaC4U>.

COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

O Programa de Apoio a Projetos de Cooperação Internacional (PAPCI), que ajuda a viabilizar a realização de missões no exterior ou a acolher missões estrangeiras na UFMG, recebe propostas em regime de fluxo contínuo de professores e servidores técnico-administrativos com vínculo permanente com a Universidade.

Gerenciado pela Diretoria de Relações Internacionais (DRI), o programa prevê a concessão de ajuda financeira no valor de até R\$10 mil por proposta recomendada, com base em análise de mérito que se pautará por critérios especificados em chamada que pode ser conferida no documento <http://bit.ly/2a9My7U>. As inscrições serão recebidas até 30 de setembro de 2017. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (31) 3409-4025.



ARTE COMO RESISTÊNCIA

Repressão, censura, porões, resistência, greves, guerrilhas e movimentos culturais estão entre os temas retratados na exposição *A arte de resistir & a resistência na arte*, que permanece aberta, até 31 de agosto, na entrada da biblioteca da Faculdade de Letras (Fale), no segundo andar da Unidade.

Entre os objetos expostos, estão recortes de capas de filmes com as bordas propositalmente queimadas que fazem alusão à prática da “queima de arquivo”, comum em ditaduras. Livros sobre música e resistência, liberdade de expressão e divergência feminina também compõem a mostra. O ambiente é sonorizado com músicas de protesto de Chico Buarque, Milton Nascimento e Elis Regina, entre outros artistas.

A iniciativa é do grupo *Agir para não sucumbir*, coletivo de professores, alunos e técnicos-administrativos da Fale. Élcio Cornelsen, Elisa Amorim, Emília Mendes, Giselle Luz, Israel Silva, Priscila da Mata, Rosângela Bernardino e Sabriny Santos são os curadores da exposição.

AÇÕES DE EXTENSÃO

Edital que busca estimular a participação de discentes em projetos de extensão e na formação acadêmica recebe, até 2 de setembro, propostas de servidores docentes e técnico-administrativos da UFMG em efetivo exercício. As propostas aprovadas receberão bolsas nas modalidades PBext e PBext Ação Afirmativa de 2017, gerenciadas pela Pró-reitoria de Extensão (Proex).

A bolsa PBext é destinada a discentes de graduação, e a PBext Ação Afirmativa, a estudantes de graduação classificados socioeconomicamente nos níveis I, II e III pela Fundação Universitária Mendes Pimentel (Fump) ou com ingresso pelo sistema de cotas. Ambas têm vigência de março de 2017 a fevereiro do ano seguinte. As normas de solicitação e os critérios de avaliação das propostas podem ser conferidos na página da Proex (<https://www2.ufmg.br/proex/>).

GESTÃO DAS IFES

Servidores técnico-administrativos da UFMG poderão se inscrever, de 15 a 22 de agosto, para especialização, na modalidade a distância, em Gestão de Instituições Federais de Educação Superior (Gifes).

A organização curricular do curso oferece instrumental teórico diretamente vinculado à prática e aos contextos de trabalho, visando a estimular a capacidade reflexiva dos alunos, a compreensão dos processos de trabalho e seu aprimoramento institucional.

A carga horária é de 360 horas, distribuídas em quatro eixos temáticos com 12 horas de atividade presencial. Serão oferecidas 80 vagas. O curso terá início no dia 12 de setembro e duração de 18 meses, com término previsto para o primeiro semestre de 2018. A iniciativa resulta de ação conjunta das pró-reitorias de Recursos Humanos e de Graduação e da Faculdade de Educação, com apoio do Sindifes.

O edital pode ser consultado na página <http://bit.ly/2a9M5mc>. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (31) 3409-7489.

A POESIA do AGORA

Ensaaios reunidos em livro da Editora UFMG analisam aspectos do contemporâneo que afetam a produção, a circulação e a recepção desse gênero literário

Ewerton Martins Ribeiro

A Editora UFMG tirou do prelo um livro que pretende, se não iluminar, ao menos lançar lampejos sobre um dos temas literários mais obscuros da atualidade: a *Poesia contemporânea*. O volume – que recebeu o subtítulo *Voz, imagem, materialidades* – reúne textos em que uma tríade de ensaístas investiga as condições de produção, circulação e recepção da poesia na contemporaneidade.

O escritor Daniel Link, professor da Universidad de Tres de Febrero, na Argentina, abre o volume com *A poesia na época de sua reprodutibilidade digital*, ensaio em que dá sequência a uma série de textos que aludem a Walter Benjamin e a seu ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Link busca repensar a relação entre arte e vida à luz do contemporâneo, os limites da nossa cultura – “seus umbrais de transformação” –, e, para isso, mobiliza o pensamento de Georges Bataille, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Giorgio Agamben, discutindo, a partir deles, aquela que talvez seja a “menina dos olhos” do pensamento contemporâneo: a biopolítica.

“Link vê o poético como embate com os limites da subjetividade, da cultura, da história, nelas abrindo espaço para o enigmático e o monstruoso, isto é, para o que desafia as formas institucionalizadas de nomeação e hierarquização”, afirmam as organizadoras Celia Pedrosa e Ida Alves, na apresentação do livro. Ambas são professoras da Universidade Federal Fluminense, onde os ensaios foram originalmente apresentados como conferências.

É o próprio ensaio de Daniel Link, na medida das referências remontadas, que inspira o segundo ensaio do volume, escrito por Marjorie Perloff, professora na Universidade da Califórnia do Sul, nos Estados

Unidos. “Daniel Link tem uma trajetória assumidamente transgressiva; é uma marca dele”, lembra Celia, em referência ao fato de o pensador argentino ser ao mesmo tempo escritor e acadêmico.

Em 2013, Marjorie Perloff já havia publicado pela Editora UFMG o livro *O gênio não original*, em que desassocia genialidade e mérito da ideia de originalidade e analisa o caráter apropriativo de obras poéticas modernas e contemporâneas. Agora, em *A poesia conceitual e a questão das emoções*, a ensaísta norte-americana parte da obra *The clock*, de Christian Marclay, para, deslocando-se da arte conceitual para a poesia conceitual, se aprofundar na reflexão sobre procedimentos criativos como a articulação de fragmentos, a citação, o rearranjo, a montagem, a recontextualização e a reciclagem, procedimentos próprios de um tempo em que o computador é importante ferramenta de produção e a internet atua como forte dispositivo de criação.

Em uma genealogia desses procedimentos, Perloff alcança T. S. Eliot nos anos 1920, em *The waste land (A terra desolada)*, na tradução de Ivan Junqueira), para pensar o poema como precursor da “modernidade como gesto que desestabiliza os próprios cânones modernos de originalidade e autonomia artística, constituindo-se como articulação anacrônica de fragmentos textuais de origens as mais diversas”, explicam as organizadoras.

Fechando o volume, Osvaldo Silvestre, professor da Universidade de Coimbra, em Portugal, aborda *O livro de poesia como crítica do livro em papel e do e-book*, em ensaio denominado *Back to the future*. No texto, o diretor do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Coimbra analisa as relações



entre a escrita, a prática da literatura e a materialidade do livro.

O fim do livro impresso, antevisto como consequência da popularização de outros suportes, é problematizado por Silvestre. “Ao constatar, ao contrário, a sobrevivência do livro, [Osvaldo] evidencia a necessidade de uma perspectiva que, em vez de incorrer no viciado mecanismo de busca do velho no novo, se direciona para a busca do novo no velho”, analisam as organizadoras.

Poesia contemporânea: voz, imagem, materialidades

Autoras: Celia Pedrosa e Ida Alves

Editora UFMG

168 páginas / R\$ 34